Das Expectativas de Mercado e Indicadores Econômicos

1 - Conjuntura Internacional

a) Estados Unidos:

Das Expectativas de Mercado e Indicadores Econômicos

1 - Conjuntura Internacional

a) Estados Unidos:

O mercado de trabalho norte americano expandiu abaixo do esperado em abril, sendo criados 175 mil novos empregos fora do setor agrícola, segundo informou o Departamento de Trabalho dos EUA. As expectativas dos analistas giravam em torno de uma criação de empregos próxima a 243 mil vagas. Os principais ganhos de emprego no encerramento do último mês foram observados nos setores de saúde (56 mil), assistência social (31 mil), transportes e armazenamento (22 mil), os quais responderam por cerca de 62% do total de vagas geradas em abril. Em abril, também houve revisão dos dados referentes aos meses de fevereiro (recuou de 270 para 236 mil) e março (aumento de 303 para 315 mil), movimentos que somados corresponderam a uma perda líquida de empregos correspondente a 22 mil vagas no período. Por sua vez, a taxa de desemprego registrou leve alta na comparação com março, subindo de 3,8% para 3,9%. Registra-se que a taxa de desemprego tem se mantido na faixa entre 3,7% a 3,9% desde agosto de 2023, o que permite uma leitura de estabilidade do indicador durante o mês de abril. Já os salários seguiram a trajetória de alta verificada ao longo dos últimos meses, subindo 0,2% em termos mensais e 3,9% na base de comparação anual. Todavia, ambos os resultados foram inferiores a março, quando os desempenhos mensal e anual haviam sido respectivamente de 0,3% e 4,1%. No geral, embora a perda de ritmo verificada na geração de empregos possa sinalizar desaceleração da atividade econômica, sob a perspectiva inflacionária o mercado avaliou com bons olhos o desempenho de abril, sobretudo no que se refere a uma possível antecipação do ciclo de queda dos juros norte americano. Além disso, os números de abril também serviram para arrefecer as tensões do mercado acerca da inflação oficial divulgada para o mês de março, que em termos anuais voltou a subir, passando de 3,2% para 3,5%. Com efeito, a reunião do Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) realizada no começo de maio confirmou, sem maiores surpresas, a manutenção dos juros do país no intervalo entre 5,25% e 5,5% ao ano. Em ata, o colegiado seguiu indicando que a queda dos juros depende de um cenário mais confiável no que tange ao atingimento da meta inflacionária de 2% ao ano, com as expectativas do mercado passando a projetar uma possível redução efetiva do indicador apenas entre os meses de novembro e dezembro de 2024.



b) <u>Zona do Euro e China</u>:

A inflação da Zona do Euro registrou estabilidade em abril, com o índice de preços ao consumidor (CPI) permanecendo em 2,4% no acumulado dos últimos doze meses, segundo informou preliminarmente a agência estatística europeia – EUROSTAT. Além disso, o comportamento dos preços subjacentes, que compõem o chamado núcleo da inflação e que tem como principal característica a volatilidade de itens como energia, alimentos, álcool e tabaco, voltou a desacelerar, caindo de 2,9% para 2,7% no intervalo

dos últimos dois meses. Outro ponto positivo e que também merece ser destacado diz respeito à inflação dos serviços, que recuou de 4% - patamar consolidado desde o início do ano – para 3,7% em abril. Todo esse cenário reforça a expectativa do mercado de redução dos juros já a partir de junho, conforme inclusive indicado pelo próprio Banco Central Europeu (BCE) em suas últimas deliberações, obviamente, desde que mantidas as trajetórias atuais de preços e salários.

Embora tenha se mantido no campo positivo, ou seja, acima da linha que divide expansão de contração econômica, o PMI oficial da indústria chinesa recuou em abril, passando de 50,8 para 50,4 pontos na comparação com março, segundo informou o Escritório Nacional de Estatísticas (NBS). O desempenho acima da linha dos 50 pontos pode ser atribuído a alta do indicador de novos pedidos, sobretudo dos equipamentos de alta tecnologia. Idêntico movimento também foi percebido no setor de serviços, com o PMI oficial do segmento caindo de 53 para 51,2 pontos no intervalo dos últimos dois meses. Apesar da queda, o volume de novos negócios cresceu pelo décimo sexto mês consecutivo, enquanto a demanda do setor externo atingiu a maior taxa de crescimento ao longo dos últimos dez meses. Em linhas gerais, os dados da economia chinesa indicam recuperação da economia global frente a um refreamento da atividade doméstica.

2 – Cenário Doméstico

a) <u>PIB e Crescimento Econômico</u>:

Em abril, o Bacen divulgou o índice de atividade econômica (IBC-Br) relativo a fevereiro, que pelo quarto mês consecutivo registrou alta, variando 0,40% e fechando a série em 148,67 pontos na série dessazonalizada. Esse foi o melhor resultado para o indicador desde abril do ano passado, quanto atingiu a época 148,88 ponto, maior nível da série histórica iniciada em janeiro de 2003. O desempenho mensal também superou as expectativas de mercado, cuja mediana indicava um crescimento de 0,3%. Ainda em termos dessazonalizados, houve crescimento na comparação com o trimestre imediatamente anterior, com o indicador avançando 1,23%. Já em relação ao mesmo trimestre do ano passado, o IBC-Br cresceu de maneira mais significativa, variando 2,35%. De maneira análoga, o indicador também variou positivamente frente a fevereiro de 2023, registrando alta de 2,59%. Já no ano e no agregado dos últimos 12 meses o IBC-Br acumula respectivas altas de 2,95% e de 2,34%. Em fevereiro o destaque ficou com o setor varejista, cujas vendas expandiram 1% em relação ao mês anterior, denotando um cenário mais favorável em relação ao consumo das famílias. No que tange às previsões de crescimento do PIB para 2024, o intervalo das últimas quatro semanas indica leve aumento nas estimativas da Pesquisa Focus, com o crescimento esperado subindo de 1,9% para 2,05%. Já para 2025 e 2026 as projeções mantiveram-se inalteradas, sendo previstas taxas anuais de crescimento de 2%.



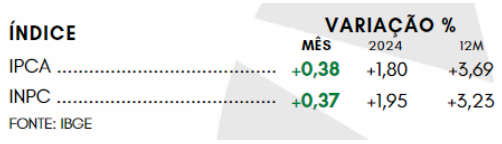
b) <u>Balança Comercial</u>:

A balança comercial brasileira voltou a registrar superávit em abril, com as exportações superando as importações em US$ 9,041 bilhões, segundo informou o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Na comparação idêntico mês do ano passado o saldo foi 13,7% superior ao cerca dos US$ 8 bilhões aferidos à época. Pelo critério da média diária, as exportações subiram 14,1% na comparação com abril de 2023, totalizando US$ 30,92 bilhões. Já as importações, também pelo critério da média diária, cresceram 14,3% fechando o período no montante de US$ 21,88 bilhões. No geral, o mês de abril apresentou aumento no volume das quantidades vendidas ao exterior, que acabou compensando os menores preços internacionais verificados no período. Em média, os preços dos produtos exportados pelo Brasil registraram queda de 6,8%, enquanto o volume das quantidades embarcadas subiu 22,5%. Com exceção da agropecuária, cujas vendas ao exterior caíram 7,9% em virtude do recuo da soja, as exportações da indústria extrativa e da indústria de transformação subiram

de maneira bem acentuada, respectivamente 48,6% e 16,6 frente a abril de 2023. No cumulado do ano o saldo da balança comercial também segue positivo, com o primeiro quadrimestre registrando um superávit de US$ 27,74 bilhões, resultado 17,7% superior aos primeiros quatro meses do ano anterior. No que se refere às previsões para 2023, o quadro é de estabilidade no conjunto das últimas Pesquisas Focus sendo mantida uma projeção de superávit próxima a US$ 80 bilhões.

c) Inflação:

O IPCA, índice oficial da inflação brasileira, acelerou em abril, variando 0,38% frente à alta de 0,16% ocorrida em março, segundo informou o IBGE. No ano e no agregado dos últimos 12 meses, o IPCA acumula respectivas altas de 1,80% e de 3,69%. Dos 09 grupos de produtos e serviços pesquisados 07 registraram altas, com destaque para os grupos Saúde e Cuidados Pessoais (1,16%) e Alimentação e Bebidas (0,70%), que juntos contribuíram com 0,30 ponto percentual no indicador de abril, ou seja, aproximadamente 79% da variação total do IPCA no período. No grupo Saúde e Cuidados Pessoais, os principais destaques foram os produtos farmacêuticos, cujos preços subiram em média 2,84% após a autorização pela Anvisa do reajuste anual dos medicamentos. Já no grupo Alimentação e Bebidas as principais altas vieram de itens que compõem a alimentação no domicilio, com destaque para as variações dos médios do mamão (22,76%), da cebola (15,63%) e do tomate (14,09%). Dentre as variações negativas de abril cumpre ressaltar a presença do grupo Habitação, que puxado pela queda dos preços médios da energia elétrica deixou de fomentar uma inflação mais elevada no mês, haja vista sua relativa representatividade no cálculo do indicador. Para o restante do ano, as Pesquisas Focus seguem indicando relativa estabilidade do IPCA, com a inflação projetada variando em torno de 3,7%, ou seja, levemente superior ao centro da meta de 3% estabelecida pelo BACEN.



ÍNDICE	VARIAÇÃO % MÊS	2024	12M
IPCA	+0,38	+1,80	+3,69
INPC	+0,37	+1,95	+3,23

FONTE: IBGE

d) Fluxo Cambial:

O fluxo cambial brasileiro fechou fevereiro no azul, sendo registrado um superávit de US$ 1,994 bilhão na parcial de abril, segundo a prévia disponibilizada pelo BACEN. O saldo positivo foi puxado pela conta comercial, que envolve as operações de câmbio relacionadas às importações e exportações, que anotou em excedente de US$ 12,991 bilhões, resultado de importações no total de US$ 19,971 bilhões frente a US$ 32,962 bilhões em exportações. Registra-se que nas exportações estão incluídos US$ 3,673 bilhões em Adiantamento de Contratos de Câmbio (ACC), US$ 9,117 bilhões em Pagamento Antecipado (PA) e US$ 20,173 bilhões em outras entradas. Por outro lado, o segmento financeiro, que reúne os investimentos estrangeiros diretos e em carteira, bem como as remessas de lucros e pagamentos de juros e dividendos ao exterior, fechou com um expressivo déficit de US$ 10,997 bilhões. Assim como nos três primeiros meses do ano, os investidores estrangeiros voltaram a sacar mais do que aportar recursos na bolsa brasileira durante o mês de abril, batendo o recorde de retiradas líquidas para mês, totalizando uma saída superior a US$ 11 bilhões. O ambiente externo segue pesando no comportamento do investidor estrangeiro, com destaque para a tendência cada vez mais remota de redução dos juros norte americano a curto prazo. Por conseguinte, o dólar subiu 3,53% em abril, encerrando o período cotado a R$ 5,19.

e) Taxa Selic:

A última reunião do Comitê de Politica Monetária (COPOM), realizada entre os dias 7 e 8 de maio, voltou a reduzir a taxa Selic, promovendo o sétimo corte consecutivo do indicador desde o inicio de seu ciclo de queda em agosto do ano passado. No entanto, diferentemente das vezes anteriores, a magnitude do corte foi reduzida de 0,5 para 0,25 percentual, decisão que não apenas dividiu o colegiado como também surpreendeu as expectativas de mercado, cujas projeções majoritárias indicavam a manutenção do ritmo de queda. Com efeito, a taxa passou de 10,75% para 10,50% ao

ano. Em ata, a instituição justificou a mudança em virtude do acirramento das incertezas externas, em especial no que se refere ao ritmo de queda da inflação nos países desenvolvidos e ao efetivo inicio do ciclo de queda dos juros norte americano. O COPOM também destacou os cuidados com o ambiente doméstico, uma vez que a inflação subjacente tem superado a meta nas divulgações mais recentes promovidas pelo IBGE. No que se refere às previsões para 2024, a última Pesquisa Focus indicou alta, com a Selic esperada passando de 9% para 9,63% ao ano. Mesmo comportamento foi observado nas projeções para 2025 e 2026, que passaram respectivamente de 8,5% para 9% ao ano e de 8,5% para 8,75% ao ano.

f) Renda Variável:

De maneira análoga ao segmento de renda fixa e repetindo idêntico comportamento observado em março, a bolsa brasileira voltou a ser impactada pelas expectativas acerca das curvas de juros futuros. O horizonte cada vez mais alongado para o início do ciclo de queda dos juros norte americano seguiu implicando evasão de recursos estrangeiros do país, com o Índice Ibovespa, principal indicador do mercado acionário brasileiro, fechando abril no vermelho, acumulando prejuízos mensal e no ano respectivamente de -1,7% e 6,15%. Além das questões externas que prejudicaram não só a Bovespa, mas a principais bolsas do mundo no decorrer do abril, a flexibilização do marco fiscal brasileiro também aumentou a percepção de risco do investidor sob o ponto de vista doméstico. A redução da Selic em ritmo mais lento também corroborou o pessimismo do investidor, com as ações vinculadas ao consumo e varejo sendo aquelas mais prejudicadas no mês. Em abril, os maiores ganhos mensais ficaram por conta das ações da Petrobras (PETR3; 18,65%) e (PETR4; 15,57%), IRB (IRBR3; 13,73%), JBS (JBSS3; 9,02%), Petz (PETZ3; 8,28%). Pelo lado das quedas, os destaques negativos foram CVC (CVC3; -30,69%), Azul (AZUL4; -25,23%), Magazine Luiza (MGLU3; -24,44%), Grupo Soma (SOMA3; -20,24%) e LWSA (LWSA3; -21,23%).

"...análoga ao segmento de renda fixa e repetindo idêntico comportamento observado em março, a bolsa brasileira,..."

REFERÊNCIA

g) Renda Fixa:

Repetindo os meses anteriores os subíndices atrelados às carteiras de menor prazo voltaram a registrar os melhores retornos em abril, sinalizando que ainda remanesce uma maior percepção de risco por parte do investidor na comparação com o encerramento de 2023, sobretudo no que tange ao comportamento dos juros nos EUA, cujas previsões de queda vêm sendo reiteradamente postergadas. Do ponto de vista doméstico, em que pese a inflação estar sob controle, as previsões de IPCA para o presente biênio ainda não convergiram para a meta, aumentando as incertezas quanto ao futuro da Selic, cuja redução do ritmo de queda foi inclusive confirmada pelo COPOM na reunião de maio. Por conseguinte, o subíndice IMA-S, que reflete as LFTs em mercado, opções de curtíssimo prazo com o menor grau risco dentre todos indicadores IMA, foi aquele que obteve o maior retorno mensal, variando 0,90% em abril e acumulando 3,62% no primeiro quadrimestre do ano. Na sequência, o IRF-M1, subíndice que indica os ganhos dos títulos prefixados com vencimentos não superiores a 1 ano, avançou 0,58% no mês, enquanto o rendimento percebido pelo IRF-M1+, indicador também vinculado as opções prefixadas mas com prazos superiores a 5 anos, encerrou o mês de abril perfazendo um prejuízo de -1,02%. De outra banda, o pior desempenho de abril ficou novamente por conta do IMA-B5+, subíndice que reflete os ganhos das NTN-Bs acima de 5 anos, que registrou prejuízo de -2,91% no mês e de -4,38 na parcial de 2024. Por sua vez, o IMA-Geral, indicador que expressa a rentabilidade dos títulos marcados a mercado como um todo, fechou abril com perda de -0,22%, mas mantendo ganho anual de 1,41% no quadrimestre.

Nome	Retorno		Nome	Retorno	
	Abril 2024	no ano		Abril 2024	no ano
Prefixados			*Formado por TP indexado ao IPCA*		
IRF-M	-0,52%	1,14%	IMA-B	-1,61%	-1,44%
IRF-M 1	0,58%	3,05%	IMA-B 5	-0,20%	1,85%
IRF-M 1+	-1,02%	0,33%	IMA-B 5+	-2,91%	-4,38%
Formado por Títulos da Dívida Pública			*DI*		
IMA Geral	-0,22%	1,41%	CDI	0,89%	3,54%
Duração Constante					
IDkA IPCA 2 Anos	-0,29%	1,94%			

Referência Gestão e Risco